

Uma análise do pensar de Fernando de Azevedo.

PENNA, Maria Luiza. **Fernando de Azevedo: educação e transformação.** São Paulo, Perspectiva, 1987. 213 p.

Diana Gonçalves VIDAL

"Estudar o pensamento azevediano, em especial suas reflexões sobre as relações entre educação e mudança social (...)": e o objetivo a que se propõe realizar Maria Luiza Penna neste trabalho, elaborado inicialmente como dissertação de mestrado, defendida na PUC, Rio de Janeiro, sob orientação de Eduardo Jardim de Moraes.

Para isso, a autora divide a apresentação do livro em duas partes. Na primeira, ocupa-se em efetuar uma análise do discurso azevediano, procurando reavaliar as críticas que lhe foram dirigidas por educadores de direita e de esquerda e afirmando o caráter progressista e liberal do pensamento do educador. Na segunda, sob forma de anexo, reúne alguns documentos recolhidos na pesquisa, junto aos arquivos particulares de Lollia Azevedo e de Alberto Venancio Filho e do Arquivo Fernando de Azevedo do Instituto de Estudos Brasileiros, IEB/USP.

Na Parte I, Penna sistematiza o ideário de Azevedo, definindo-lhe contornos que o aproximam de uma concepção democrática e idealista de educação. Abordando o Inquérito de 1926 e a atuação administrativa no Distrito Federal, precisa aspectos da prática do educador "em sintonia a realidade educacional brasileira", demonstrando como sob o ideal de escola-comunidade e escola-trabalho - educação popular-, Azevedo revelava sua convicção socializante de escola e definia a obra educacional como política. Na composição deste perfil democratizante do pensamento do educador, discute, ainda, seu conceito de formação de elites, estabelecendo fronteiras entre aristocracia e meritocracia. Segundo Penna, Azevedo defendia que a igualdade da escola ajudaria a constituir uma elite meritocrática, afinada aos interesses das classes populares, para exercer o "mandato social", conferido pela comunidade. Integrando as diferentes facetas do

pensar azevediano, a autora ressalta o ideal neo-humanista. Só a disseminação do humanismo científico, na perspectiva do educador, em contraposição ao humanismo clássico, poderia assegurar a consolidação do espírito de ciência e da educação técnica, no Brasil. Impregnando o ensino, nos seus diversos graus, do elementar a universidade, o novo humanismo despertaria a dignificação do trabalho manual e favoreceria a produção científica do saber desinteressado.

Para compor esta imagem do pensamento azevediano, Maria Luiza recorre a citação de diferentes trechos obra de Azevedo. Sua análise surge do diálogo que estabelece com o educador, utilizando-se pouco de outras fontes para pontuar a conversa, apesar das entrevistas que realizou. Tece uma "*cortes controversia*", no dizer de Durmeval Trigueiro Mendes, com Fernando de Azevedo. No desejo de resitua-lo no panorama educacional brasileiro, enreda-se nas afirmações e envolve-se pela cadência do discurso azevediano. Como raras vezes se remete aos fatos da Reforma de 1928, ate porque interessa-se pelo contorno do *pensamento de Azevedo*, Penna deixa de perceber alguns dos deslocamentos que a fala do educador opera no sentido de subverter acontecimentos, de enaltecer praticas e de dotar, por exemplo, a atuação administrativa do caráter inovador e revolucionário.

E um trabalho realizado no campo da historia das ideias. E, nesta perspectiva, cuidadoso e bem traçado. A autora procura compreender internamente o pensar de Azevedo, contrastando idéias, historiando significados vários que certos conceitos tomaram ao longo da obra do educador. Precisa asserções e destaca paradoxos no discurso azevediano, na tentativa de esboçar movimentos da reflexão a cerca de *educação e transformação*.

A Parte II, um verdadeiro presente. A autora nos brinda como uma extensa compilação de cartas escritas por Azevedo a amigos, como Francisco Venancio Filho, José Getulio Frota Pessoa, Paschoal Lemme, Abgar Renault, Paul Arbousse Bastide, Anísio Teixeira, Dina Venancio e Rui Martins; e a outras personalidades políticas, como Antônio Prado Jr. e Alzira Vargas. Acompanhamos a expressão da amizade que unia Fernando e Venâncio, na troca de confidencias, revelação de ambições, desabafo de frustrações. Percebemos o olhar vigilante com que o

educador observava a Reforma de Anísio Teixeira, no Distrito Federal, através de Frota Pessoa. Conhecemos a manobra articulada com Nobrega da Cunha para a produção do momento político a elaboração do *Manifesto de 32*. Seguimos a construção de *A Cultura Brasileira* e de outros trabalhos. Sentimos o paulatino afastamento do educador das lutas "*pela renovação educacional*" a partir do *Estado Novo*. Tomamos contato com alguns dos juízos que formou de seus companheiros: elogios a Cecília Meirelles, desapontamentos com Lourenço Filho. Anexos, ainda, o plano de um livro inédito, *Miséria da Escola e Escola da Miséria*, e os textos dos manifestos dos *Pioneiros da Escola Nova* e dos *Intelectuais*.